

Povos originários no enfrentamento da COVID-19 e dos maus governos: mais de 500 anos de resistências ao bio-necropoder

Casé Angatu

Este texto resulta das vivências ancestrais, passadas e presentes como indígena morador do Território Tupinambá de Olivença (Ilhéus/BA) na Aldeia Gwarĩni Taba Atã. Ao mesmo tempo, é fruto da militância pelos Direitos dos Povos Originários, especialmente pelo Território e Autonomia.

O que segue não consegue abarcar os diversas enfrentamentos e dificuldades específicas diante da atual pandemia de coronavírus – covid-19 dos mais de 305 Povos Originários que vivem no Território brasileiro, falantes de mais de 274 línguas, segundo os dados do IBGE (2010). Porém, tentarei oferecer um painel do como o coronavírus afeta os Povos Indígenas, algumas das formas de enfrentamento, as necessidades existentes, como podemos inspirar na luta contra a pandemia e a atuação dos maus governos.

Tanto os Povos Originários no Brasil como em todo Continente Americano foram historicamente e ainda são vítimas de contaminações e doenças trazidas por não indígenas. Processo semelhante vivenciado pelos Povos do Continente Africano e em todos os lugares onde se implantou o colonialismo europeu e norte-americano, guardadas as devidas diferenciações.

Desde a chegada dos europeus e início da colonização no século XVI, - processo que denominamos como invasões europeias -, nos leva assinalar que são mais de cinco séculos de patologias epidêmicas/pandêmicas estranhas às vivências dos Povos Originários. Foram e são várias as contaminações: varíola, tifo, sarampo, gripe, febre amarela, caxumba, tuberculose, tosse convulsa, peste bubônica, DSTs (Doenças Sexualmente Transmissíveis), influenza e agora o coronavírus.

Considero que estas doenças foram uma das causas principais do declínio populacional dos Povos Originários em toda América, incluindo no Brasil, durante estes mais de 500 anos de um dos maiores genocídios da história humana. Estas enfermidades (propositalmente ou não) serviram para o histórico e estrutural processo de espoliação das terras originárias que podemos denominar como a patologia da colonização.

Penso que as doenças fizeram e fazem mesmo parte da biopolítica, biopoder e necropolítica colonial. Ou como queiram: da bio-necropolítica que estruturou/estrutura o bio-necropoder de imposições coloniais, incluindo as doenças, as mortes e as culpas pelas patologias. Como permite ponderar Frantz Fanon sobre a necessária decolonização: surgiram/surgem mesmo psicopatologias que tentam introjetar nas subjetividades uma rede de culpas pelas doenças, tirando de foco o estrutural processo de colonização, racismo e de desigualdade social¹.

Quando pondero sobre estas concepções também estou pensando em conceitos advindos de Michel Foucault reanalisados pelo intelectual decolonial camaronês Joseph-Achille Mbembe: “Na economia do biopoder, a função do racismo é regular a distribuição da morte e tornar possíveis as funções assassinas do Estado.”²

Acredito que a preocupação dos governos e dos grupos econômicos não é necessariamente com os mortos pelo coronavírus, mas com o perigo social que isto pode gerar a partir do colapso da rede pública de saúde. Ou seja, o descontrole social que coloca em perigo o funcionamento do sistema político e socioeconômico desigual.

Atualmente a pandemia do coronavírus é a atualização da bio-necropolítica estruturando o bio-necropoder de imposições. Como antes tenta-se introjetar culpas pela pandemia e perseguições, afastando discussões estruturais e seculares como por exemplo a falta de uma rede de saúde para as diferentes populações brasileiras.

Tratando especificamente dos Povos Originários, o levantamento da Articulação dos Povos Indígenas do Brasil (APIB) assinala que no dia 12/07/2020 existiam 13.081 de casos confirmados, com 490 mortos e 130 Povos afetados.³ Como na maioria dos casos brasileiros as estatísticas “oficiais” apresentadas pela Secretaria Especial de Saúde Indígena (SESAI) do Ministério da Saúde são menores porque se baseiam em subnotificações. Estes números “oficiais”, além de impossibilitar a construção de ações específicas em relação aos Povos Originários, revelam o quanto os órgãos governamentais possuem uma postura discriminatória e racista.

Saliento isto porque estes dados levam em conta somente os Distritos Sanitários Especiais Indígenas (DSEIs) que no geral ficam nas zonas rurais. Indígenas que moram nas cidades não são considerados e acabam “atendidos” pelo Sistema Único de Saúde

¹ Entre os estudos de Frantz Fanon destaque: FANON, F. *Os Condenados da Terra*. Juiz de Fora: Editora UFJF, 2006.

² MBEMBE, Joseph-Achille. *Necropolítica*. São Paulo: n-1 edições. 2018, p. 18.

³ ISA, Instituto Socioambiental. *Plataforma de monitoramento da situação indígena na pandemia do novo coronavírus (Covid-19) no Brasil*. Disponível em: <https://covid19.socioambiental.org/>. Acesso em 12/07/2020.

(SUS). Por isto também a diferença entre os dados da SESAI com os da APIB que considera as informações indiferente se as mesmas advém dos DSEIs, conforme esclarecem o texto anteriormente citado.

Os órgãos federais, estaduais e municipais não possuem dados específicos sobre indígenas contaminados e mortos nas cidades. Este quadro dificulta ainda mais não só o levantamento como o combate ao coronavírus entre os Povos Originários. Ressalto que, conforme os dados do IBGE (2010), 36% dos indígenas brasileiros moravam em cidades. Para o governo brasileiro do total de 896,9 mil indígenas cerca de 324,8 mil que vivem em cidades não possuem direito ao atendimento diferenciado.

Saliento que o atendimento diferenciado para indígenas é uma demanda decorrente de desigualdades historicamente constituídas. Entre as disparidades ressalto: as desigualdades econômicas, sociais, de acesso à saúde, saneamento e do racismo estrutural. Além disso, o modo de vida coletivo e em alguns casos a falta de anticorpos torna os diferentes Povos Originários grupos de elevado risco para a pandemia. De acordo com os epidemiologistas, os indígenas possuem baixa imunidade e rede de saúde no geral distante de onde moram.

De acordo ainda com a APIB, as populações indígenas possuem “uma taxa de letalidade pelo vírus de 9,6% - enquanto na população em geral a taxa é de 4%”.⁴ Quando o coronavírus entra numa Comunidade Originária se espalha com rapidez e dificulta em muito o controle. Esta situação piora mais ainda no caso de Índios isolados e em situação de distanciamento.

Não obstante, mesmo nas Aldeias onde supostamente teria a atuação da Secretaria Especial de Saúde Indígena (SESAI) e da Fundação Nacional do Índio (FUNAI) a desinformação, falta de itens básicos (luvas, álcool gel, máscaras etc) é uma situação corriqueira. Aqui faço um relato a partir da Comunidade Indígena onde moro: Aldeia Gwarĩni Taba Atã – Território Indígena Tupinambá de Olivença (Ilhéus/BA).

Até o início de maio a SESAI e FUNAI quase não atuaram. Vale ressaltar que muitos funcionários destes dois órgãos, mesmo enfrentando dificuldades estruturais, continuam atuando apesar do sucateamento promovido desde o governo Temer e radicalizado na atual gestão Bolsonaro que inclusive acabou com o “Programa Mais Médico” - importante para saúde indígena e das parcelas mais carentes da população.

⁴ MORI, Leticia. *Entenda a determinação do STF de que governo aja contra covid-19 entre indígenas e evite "extermínio de etnias"*. Disponível em: <https://www.terra.com.br/noticias/brasil/o-que-esta-em-jogo-na-acao-no-stf-em-que-indigenas-acusam-governo-de-genocidio-e-cobram-aco-es-contra-a-pandemia,0618b678347ac6d5ceb1848e2745c9b82699qyju.html>. Acesso em: 12 jul. 2020.

Na nossa Aldeia no início da pandemia não recebemos informativos, máscaras e nem álcool gel das entidades federais. A saída foi solicitar apoio aos aliados e entidades apoiadoras dos Povos Indígenas. Da mesma forma, as Aldeias colocaram por autodeterminação barreiras em suas entradas para evitar a pandemia. Pelas informações que nos chegam advindas das entidades nacionais do movimento indígena estas são práticas de diferentes Povos. Os Povos Originários mais uma vez são protagonistas no enfrentamento de uma epidemia/pandemia como é o coronavírus, sem contar no geral com apoio dos diferentes níveis de governos.

Aliás, a pandemia ocorre num contexto onde o governo federal retira direitos dos Povos Originários, contesta a demarcação das Terras Indígenas, sucateia a FUNAI/SESAI, ataca a Natureza e os indígenas que resistem. Conforme levantamento do Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais (INPE), em plena pandemia o desmatamento na Amazônia foi até abril 64% maior do que no mesmo período em 2019.

No dia 31/03/2020 o líder indígena Zezico Rodrigues Guajajara, da Terra Indígena Araribóia no Maranhão, foi assassinado. No dia 17/04/2020 foi morto Ari Uru-Eu-Wau-Wau, liderança de seu Povo em Rondônia. Estes ataques só aumentaram desde a posse do atual presidente da república em 2019. No ano passado (2019) foram 08 indígenas assassinados – uma quantidade maior pelo menos em 11 anos.

Entretanto, ressalto que os Povos Indígenas historicamente também são protagonistas de suas histórias. Várias foram e são as formas de resistências e (re)existências indígena no combate às patologias destrutivas. Além das lutas contra os colonizadores, existiam/existem as curas pelas plantas, raízes, folhas, rituais, canções e pela espiritualidade.

Uma outra maneira foi e continua sendo: buscar o isolamento em áreas distantes da onde ocorriam as doenças e o processo de degradação da natureza. O isolamento ou distanciamento de muitos Indígenas, além das doenças, resulta também da rejeição ao modelo de “civilização” que era e ainda é imposto. Em muitas de nossas Aldeias aqui no Território Tupinambá de Olivença, bem como entre outros Povos, antes mesmo da pandemia a entrada de não indígenas nas Comunidades já era proibida ou somente realizada mediante autorização.

Alguns dizem que depois desta pandemia sairemos pessoas melhores ou teremos uma sociedade melhor. O mundo já vivenciou doenças, guerras, catástrofes e em nosso caso genocídios e ecocídios. Nem por isto todas as pessoas se tornaram melhores ou as

sociedades melhoram. Acredito que a sociedade será melhor a partir da construção coletiva e individual daqueles que assim desejam e os Povos Originários são exemplares neste sentido. Inspiram por não desistirem da busca pelos Territórios Ancestrais, por Alteridade, uma relação de convívio respeitoso entre as pessoas com a Natureza.